

A CIDADE (IN) DESEJADA :
história e memória de migrantes na ocupação do bairro
Piçarra (Teresina, 1945-1970)

Ismael Sousa de Jesus*
Marcelo de Sousa Neto**

RESUMO: O presente artigo analisa a história e a memória de migrantes rurais e a suas ocupações em Teresina, entre 1945 e 1970. Toma-se como objeto, o bairro Piçarra, espaço de acolhimento de um expressivo número de migrantes rurais. Analisam-se a pujança comercial, as representações sobre as redes de sociabilidades inseridas nessas áreas, evidenciadas por meio das fontes hemerográficas e por fontes orais. Observou-se que a vida dos migrantes, mesmo com suas divergências nesses espaços periféricos, manteve-se presente na “memória coletiva” da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: História; Memória; Cidade; Piçarra (século XX).

The undesired city: history and memory of migrants in the occupation
of the Piçarra neighborhood (Teresina, 1945-1970)

ABSTRACT: The present article analyzes the history and memory of rural migrants and their occupations in Teresina, between 1945 and 1970. The Piçarra neighborhood is taken as an object, a welcoming space for a significant number of rural migrants. The commercial strength, the representations about the networks of sociability inserted in these areas are analyzed, evidenced by the hemerographic sources and by oral sources. It was observed that the lives of migrants, even with their differences in these peripheral spaces, remained present in the “collective memory” of the city.

KEYWORDS: History; Memory; Mity; (20th century).

La ciudad no deseada: historia y memoria de los migrantes en la ocupación
del barrio de Piçarra (Teresina, 1945-1970)

RESUMEN: El presente artículo analiza la historia y la memoria de los emigrantes rurales y sus ocupaciones en Teresina, entre 1945 y 1970. Toma como objeto el barrio de Piçarra, espacio de acogida de un expresivo número de migrantes rurales. Se analiza la fuerza comercial, las representaciones sobre las redes de sociabilidad insertas en estas áreas, evidenciadas mediante fuentes hemerográficas y orales. Se observó que la vida de los migrantes, incluso con sus divergencias en estos espacios periféricos, seguía presente en la "memoria colectiva" de la ciudad.

PALABRAS CLAVE: Historia; Memoria; Ciudad; Piçarra (siglo XX).

*Mestre em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Atualmente é professor da Rede Estadual de Educação do Estado Piauí. Contato: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, CEP: 64.049-550, Teresina-PI, Brasil. Email: ismaelwcici@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1419-9319>

**Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco, com Pós-doutorado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente é professor associado do Curso de História, da Universidade Estadual do Piauí. Professor Permanente Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí. Contato: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, CEP: 64.049-550, Teresina-PI, Brasil. E-mail: marcelo@ccm.uespi.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2748-2316>

Introdução

O presente artigo analisa as ocupações de migrantes no bairro Piçarra, localizado na zona sul da cidade de Teresina, e discute a contribuição destes para a sua expansão urbana e vertiginoso crescimento demográfico, observado principalmente a partir de 1950. Assim, considerando a relevância do bairro para a organização espacial da capital piauiense, a pesquisa norteou-se pelas seguintes questões: Por que a região em que se localiza o bairro atraía grande concentração de migrantes? Como a presença destes contribuiu para a reorganização dos espaços urbanos do bairro Piçarra e da cidade de Teresina? Quais eram as representações do bairro Piçarra nos periódicos da cidade? Como estas representações sobre o bairro reverberavam para uma cosmovisão das áreas suburbanas de Teresina?

Objetivando discutir história e memória de migrantes rurais no processo de ocupação dos espaços urbanos de Teresina a partir de suas trajetórias de vida nas múltiplas “cidades” que ajudaram a construir. A pesquisa toma o bairro Piçarra como recorte espacial na busca de respostas “emudecidas” acerca desses migrantes em sua “nova casa” e, assim, ajudar a recontar os caminhos tomados por eles em Teresina, no recorte temporal de 1945 a 1970.

Entretanto, para iniciar este percurso, apresentamos nosso bairro-objeto¹, lembrando que,

[...] o bairro recebeu esse nome por causa das grandes jazidas de Piçarra lá existente, no início desse século, a Piçarra era um povoado de palhoças ao longo de um caminho de montarias, ponto de chegada para quem vinha do interior do Piauí, atravessando o Rio Poti pelo antigo pontão, hoje substituído pela ponte da estrada de ferro. Outros caminhos foram surgindo, como a estrada da Catarina, tendo como ponto de convergência o atual mercado. Com vai-e-vem de mercadorias, o bairro consolidou sua vocação comercial.²

Reconhecendo que a história não se constitui como algo dado, mas é produzida a partir de discursos manifestos de interesses e pretensões que emanam da própria temporalidade do historiador e do seu objeto³, o estudo do bairro que escolhemos necessita de análise das camadas de interesses e pretensões construídas a seu respeito ao longo do tempo.. Procura-se pensar o bairro Piçarra em Teresina a partir dos interlocutores que pesquisaram esses espaços particularizados da cidade. O bairro é, quase por definição,

[...] um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se, portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se ensina pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço⁴.

Ao atentarmos para as transformações no bairro, conseqüentemente, perceberemos a própria relação tácita do bairro com a cidade, uma vez que ele não existe em si, pois, sua existência está condicionada a da própria cidade. O bairro, no entanto, é um espaço “particularizado”, onde o privativo sobrepõe sobre o espaço público e “promove a articulação entre o morador e o mundo citadino, com ele coexistindo, reconhecendo-se em suas semelhanças e diferenças” .

O bairro, assim como a cidade, é um lugar emblemático de vivências, experiências compartilhadas, onde “o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo” .

Para construção desse artigo, buscamos apoio em fontes hemerográficas, incluindo jornais de circulação da época do período estudado, que se encontram disponíveis no Arquivo Público do Estado do Piauí – Casa “Anísio Brito”, localizado em Teresina.

Assim, por meio desses jornais percebemos a forte presença de discursos que se formaram sobre o bairro, sendo estigmatizado por abrigar o Morro do Querosene

ou por ser um lugar de moradias de mais “pobres” . Além desses, empregamos a metodologia da História Oral para construir uma narrativa a partir dos relatos orais dos migrantes rurais e sua contribuição para “memória coletiva” do bairro Piçarra. Por meio destes, pôde-se perceber as trajetórias de vida dessas famílias frente às incertezas, aos desafios e aos sonhos que não se concretizaram, obtendo algumas possíveis respostas que foram silenciadas pelo tempo.

Dessa forma, o artigo analisa o processo de acolhida e segregação de migrantes em Teresina e como a Piçarra remodelou-se ao tecido urbano da capital .

Memórias dos migrantes rurais nas ocupações de “novos” espaços urbanos em Teresina.

A mudança dos migrantes rurais para cidade representava, quase sempre, uma incerteza, visto que as condições de vida nas cidades eram muito diferentes daquela que eram habitados na zona rural. Muitas vezes, à volta para o seu lugar de origem era inviável, pois a maioria se desfazia de quase tudo que possuíam (casas, criações, animais) para tentar sobreviver nesse novo lugar, a exemplo da família do senhor Luiz Sousa Lima , que relembra as dificuldades enfrentadas ao chegar no bairro Piçarra em 1957:

Eu cheguei aqui em 1957, eu tinha 25 anos quando vim pra cá. Meus pais vieram em 1940, vieram trabalhar e nós ficamos lá no interior de Monsenhor Gil. Nós trabalhava mesmo na roça, mas meu pai tinha tido muito prejuízo com a roça,

ele se desgostou com a roça e veio pra Teresina, isso em 1940, e em 1957 eu saí de lá com meus irmãos e aí gente foi chegou aqui caçamos um lugar pra nós morar e trabalhar. Nós éramos muitos, mas começamos a lutar para viver [...]. Num foi muito bom aqui quando chegamos, mas era o jeito né, a gente já estava aqui na cidade, e eu fui caçar serviço pra trabalhar e eu só trabalhava de servente, mesmo assim deu pra jogar a vida pra frente .

As lembranças evocadas são dispositivos inerentes à vida dos indivíduos no tempo presente, articuladas às representações geradas pelas experiências vividas por cada sujeito e as manifestações exteriores da sociedade ou do grupo na qual o sujeito está inserido. Nas entrelinhas das memórias do senhor Luiz Lima percebe-se, por meio de suas sensibilidades, as adversidades enfrentadas desde sua saída da zona rural para a cidade, o que não o diferencia de muitas famílias de sua época.

Seu pai, chegando primeiro na capital, procurava oportunizar a vinda de seus filhos e toda sua família, que, muitas vezes, ficavam à mercê das condições precárias de trabalho no campo. As lembranças evocadas corroboram para percebermos a reconstituição da sua trajetória de vida através de fragmentos de memórias, que são (re)atualizadas pelo presente na medida que o entrevistado coloca a “condição” do trabalho de servente, que era tudo que conseguia. Destacamos que mesmo sendo um trabalho laborioso, na época, era a opção mais comum de serviço para migrantes rurais. A palavra “servente” reverbera com uma significação marginalizada do presente em relação ao passado do entrevistado, pois, como denotado pelo próprio, era algo corriqueiro.

Sobre o estudo da memória social, o sociólogo francês Maurice Halbwachs, no ano de 1920, propôs um estudo magistral sobre a memória, com textos que seriam reunidos em uma obra denominada *Memória coletiva* (2003), na qual apresentava um estudo dos quadros sociais da memória. Discípulo de Bergson, Halbwachs, em seu estudo, aperfeiçoou as ideias de seu mestre, passando a defender a memória a partir do campo social, na relação entre o indivíduo e o grupo, nas classes sociais e diversos órgãos, instituições, família, amigos e a diversa rede de convivências, que forneceriam pontos de referências para a memória do indivíduo, conceitos que nos apoiamos em nossas análises.

Segundo Ecléa Bosi, ao discutir o ato de lembrar, destaca que,

lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi” e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, por que nós não

somos os mesmos de então e por que nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado no presente exclui a identidade entre as imagens de um e de outro e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista⁵.

Para Bosi, a memória como “trabalho”, refuta a ideia da “memória pura”, onde repousariam os sonhos e o espírito que conservariam o passado em sua inteireza e autonomia. Compartilhando desse entendimento, reconhecemos ser impossível reviver esse passado tal como “foi” ou, ao menos, a sobrevivência do passado em sua totalidade.

A mudança, presente constante nas memórias de nossos entrevistados, constituiu-se impregnada pelo temor da nova moradia, marcada também pela incerteza de uma vida diferente daquela que estavam acostumados na zona rural e pela impossibilidade de retorno, pois, em regra, desfaziam-se de quase tudo para tentar sobreviver em um novo lugar.

As lembranças evocadas por uma testemunha histórica, como as lembranças do nosso entrevistado, são dispositivos inerentes à vida dos indivíduos no tempo presente, articuladas às representações geradas pelas experiências vividas pelo sujeito e pelo grupo no qual está inserido. Nesse sentido, podemos entender que ocorre uma “atualização” da memória, o que, para Jacy Alves Seixas, “a memória introduz o passado no presente sem modificá-lo, mas necessariamente atualizando-o, é preciso considerar atentamente que o passado é por via de regra plural, um pulsar da descontinuidade”⁶. Por sua vez, a dimensão da atualização do passado é permeada por mecanismos de apropriação dessa memória pelo indivíduo, conferindo caráter “individual” a uma “memória coletiva”, chamada assim por Halbwachs, que prossegue, “se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente”⁷.

Nesse sentido, as relações dos significados que a memória do indivíduo incorpora conduzem a uma dimensão de uma memória individual permeada de signos, vivências, experiências, humor, imaginação, emoções e recriações apropriadas e atualizadas pelo presente e pela memória coletiva. Baseado em fragmentos da memória do senhor Luis Lima, percebemos como ele se apoia no grupo social que estava inserido no intuito de reconstituir uma memória coletiva do bairro, o que podemos observar quando afirma que,

a situação de muita gente aqui era quase a mesma, muitos do pessoal não tinha casa, tinha só uma casinha de palha, e todo mundo aqui ao redor da Piçarra, porque aqui já tinha muita gente, nesses terrenos fizemos nossos barracos [...]. Mas era bom aqui, tinha o rio Poti para nós banhar lá, as mulheres iam lavar roupa lá... e não tinha ponte, todo mundo atravessava de canoa⁸.

Pelo fragmento, percebe-se o sentimento de segregação do restante da cidade e o temor pelo desafio que enfrentavam. Por outro lado, percebe-se que, em meio ao abandono, acolhia-se mutuamente, em um bairro que, segundo ele, “era bom”. As memórias do entrevistado são atravessadas pelo temor, com o reconhecimento das dificuldades enfrentadas, e pelo afeto, resultante das relações construídas no novo bairro.

Acerca da relação entre história e memória, Janaína Amado estabelece algumas conexões, ao destacar que:

Parece-me necessário, antes de tudo, distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e a memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou [...]. O vivido remete à ação, a concretude, as experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes das experiências⁹.

Ao partir dessa concepção, o vivido dentro do campo mnemônico transita com efemeridade no ponto de reelaboração, das reminiscências desse passado, proporcionando uma prática de reconstituição dos fragmentos da memória. A “memória é seletiva”, como pondera Pollack, pois “nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado”, nela ocorrem flutuações que permitem reevocar algumas reminiscências em detrimento de outras¹⁰. No entanto, tudo pode estar em um campo de possibilidades de acesso mnemônico no ato de lembrar.

Mediante entrevistas, com pessoas que precisaram se deslocar compulsoriamente entre cidades, percebemos que esta decisão carregava um significado muito profundo para estas pessoas. Essa decisão era capaz de romper com ligações subjetivas profundas com o lugar onde residiam e com os laços de solidariedade e compadrio anteriormente estabelecidos.

A migração provocava profundas alterações no modo de viver de muitas famílias rurais, a exemplo do que nos revela uma de nossas entrevistadas, a senhora Aldelcina Maria Oliveira Lopes¹¹, que chegou ao bairro no ano de 1958, juntamente com sua família proveniente do interior de Barras-PI. Ela expõe alguns dos motivos principais que levaram seus familiares a mudar-se para Teresina:

[...] lá no meu interior meu pai tinha uma propriedade e nós gostava do lugar, mas meu pai e minha mãe acharam um terreno aqui na Piçarra comprou e nos viemos pra cá, mas na verdade as coisas não estavam muito boa no interior [...] quando chegamos aqui tinha muitas casas de palhas e muita gente pobre e o posto de Saúde era lá na casa Paroquial¹².

No relato, percebemos o sentimento de pertencimento ao meio rural, que reproduz lembranças de um lugar nostálgico, repleto de (re)significações no próprio “eu” no momento da atitude de mudança, representada pela decisão de migrar e romper com os laços de afetividade que as experiências acumuladas proporcionavam. Dessa forma, como nos ensina Halbwachs, a memória “individual” precisa “recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si determinados pela sociedade”¹³, fenômeno observado no relato da senhora Aldelcina Lopes.

Por ocasião da entrevista, a senhora Aldelcina Lopes acessa memórias de que seu pai e sua mãe, mesmo donos de uma propriedade na zona rural, tomaram a decisão de deixar o seu lugar de moradia, na busca de soluções que pudessem alterar suas perspectivas de vida, no enfrentamento das dificuldades resultantes da crise do extrativismo vegetal no Piauí¹⁴, nas décadas de 1950 e 1960.

Nesse ponto, observamos que suas memórias se aproximam e coexistem com memórias de migrantes que viveram experiências análogas, a exemplo da senhora Maria Isabel de Sousa¹⁵ que, com franqueza, narra o seu momento de mudança para o bairro Piçarra,

cheguei aqui no bairro em 1954. Aqui era um lugar com várias casas de palhas, onde nesse quarteirão tinha um monte de casas de biqueirinha no chão, bem baixa, e nós conseguimos um terreno aqui, pois, lá onde a gente morava *tava* muito ruim, a roça já num estava dando muito e viemos pra cá melhorou um pouco mais [...] muita gente vinha de interior morar aqui. Comprava um pedacinho de chão e começava a morar por aqui [...] e este terreno era pequenos lotes. Muitas pessoas comprava e fazia uma casinha e começava a viver¹⁶.

As palavras da senhora Maria Isabel de Sousa reconstróem algumas lembranças bem descritivas, permeadas de riqueza de detalhes sobre o espaço urbano encontrado ao chegar na Capital, reconstruindo uma espécie de paisagem a partir de sua memória. Uma paisagem, segundo Schama,

é uma cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha [...]. No entanto, cabe também reconhecer que, quando uma determinada ideia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais que seus referentes, tornam-se de fato parte do cenário¹⁷.

A imagem projetada na memória dos cidadãos é constituída pelos signos que são atribuídos àquele lugar material, desse modo a significação se torna mais emblemática do que o próprio objeto ao qual é atribuído aquele signo.

O cenário típico das áreas suburbanas de Teresina das décadas de 1940 e de 1950 era uma imagem de “cidade feia”, resultado das inúmeras “casas de palha” erguidas em condições precárias, demarcando o começo das ocupações desses migrantes nesses espaços.

As experiências vivenciadas na zona rural são resguardadas na memória coletiva desses migrantes, que precisaram romper com as relações pessoais e sociais do meio rural para se aventurar na perspectiva de construção de um modo de viver e sobreviver na cidade. Entretanto, os migrantes já residindo nesse novo espaço urbano, se deparam com adversidades próprias de um lugar periférico. Na próxima seção discutiremos as representações construídas a partir de alguns jornais que tivemos acesso, ao se reportarem ao bairro Piçarra no período já delimitado. Observamos como esses discursos veiculados nos jornais contribuía para estigmatizar esse bairro como pobre, populoso, suburbano. Além disso, nos jornais, percebemos o discurso tendencioso reproduzido sobre as práticas indecorosas que ocorriam diariamente no chamado *Morro do Querosene*.

“Piçarra esquecida”: um bairro pobre, populoso e suburbano¹⁸

As matérias veiculadas nos jornais da época sobre o bairro Piçarra apontavam diversos problemas, em parte pautando a falta de infraestrutura básica que pudesse servir melhor a região. As críticas eram direcionadas com muita veemência ao prefeito da época, João Mendes, responsabilizando a sua administração pelo descaso que o bairro experimentava. Em matéria veiculada no Jornal *O Dia*, de 19 de julho de 1953, intitulada “Piçarra esquecida”, narra-se a situação do bairro:

Todos os fatos que estamos apontando, na ressacada administração do dr. João Mendes, estão à vista do povo piauiense, dos ministros, médicos, escritores, militares, artistas, repórteres e flagelados que passam em Teresina, cujas personalidades, com exceção dos *mangaios*, são recebidos em carros oficiais, entre foguetões, bandas de música, discursos e banquetes pomposos. Nas praças e nos cafés, as rodas políticas de qualquer corrente partidária metem o pau também na incúria do governo municipal. Não é de hoje o que é imprensa se vem reportando contra o desleixo do ‘menino grande’ que dorme no gabinete da prefeitura, arrastando o município para uma situação de completa falência. Na Piçarra, principalmente, vamos encontrar o reduto de maior revolta contra o prefeito atual de Teresina. Os moradores daquele bairro, que tantas promessas receberam do dr. João Mendes, caíram no esquecimento. Somente poeira, em maior quantidade, despejou sobre a população do bairro mais populoso de Teresina. O Prefeito não aparece ali, para enfrentar as causas da gripe, para sujar os cabelos, a roupa e os sapatos, para conhecer os mendigos e sem trabalho, o peso da carne e o litro de farinha ordinária, ou para dispensar cinquenta centavos de uma velha que não vendeu suas verduras e legumes, pois alguns dos seus fiscais são preciosas inutilidades. Na Piçarra, o dr. João Mendes está com o cartaz muito sujo. As reclamações contra a sua ingratidão são pesadas e justas. Os piçarrensos foram enganados redondamente, como todo eleitorado de Teresina. Ao menos com a nuvem de poeira constante o prefeito devia acabar, a bem da saúde dos moradores da Piçarra, molhando ou calçando a Avenida Miguel Rosa até o fim da linha de ônibus. Duvida-se, porém, que o dr. João Mendes aplique a parte competente dos dinheiros municipais em serviço tão grande urgência e necessidade, mas, se fizer qualquer outro melhoramento, poderá reconquistar as simpatias do povo que o elegeu com maioria naquele bairro abandonado, pois sem eleitores ninguém consagra o seu nome nas urnas¹⁹.

A matéria procurava construir uma representação do bairro aos seus leitores, de forma que esse fosse visto a partir de suas ideias e, então, movidos por seus interesses. Sobre esta questão, Roger Chartier nos auxilia a entender o fenômeno das representações do real que, segundo o autor, a “problemática do mundo como representação, moldado através das séries de discurso que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou imagens) que dão ao ver e a pensar o real”²⁰.

Com base nessa ideia levantada, devemos observar como os diversos discursos produzidos nos jornais afetam o leitor, conduzindo uma nova compreensão de si e do objeto representado. Os fatos observados na Piçarra, por exemplo, são tomados como elementos para construção desses discursos, lembrando que os mesmos são formados a partir dos interesses do momento de sua produção.

Na matéria, a palavra “esquecida” foi usada propositalmente quando procurava associar o bairro Piçarra ao completo descaso do poder público e com enlaces diretos a figura do prefeito municipal. É importante ressaltar que talvez o bairro não fosse “esquecido” pelo prefeito ou pela administração municipal, e não nos foi possível rastrear na imprensa o desenrolar das denúncias. No entanto, importa-nos discutir que a matéria, nas entrelinhas, almejava agredir o prefeito de Teresina e, em seu intento, delineava marcas importantes das representações que se construíram sobre o bairro, representações que ecoaram no período e lançaram-se no tempo, como marcas que ajudaram a definir o que a cidade entendia ser a Piçarra e seus moradores.

Por outro lado, a matéria ajuda a construir uma descrição, mesmo que atravessada pela contenda com o prefeito municipal, dos espaços que constituíram a “Piçarra esquecida” e seus problemas recorrentes, como a falta de calçamento, que causava problemas a saúde dos moradores devido o grande volume de poeira que o trânsito provocava. Outras reivindicações também são apontadas pela matéria, como o calçamento da Avenida Miguel Rosa, que poderia alavancar o crescimento do bairro e a ampliação do mercado público para melhor acomodação dos seus vendedores, feirantes e clientes. Reivindicações pertinentes e que se arrastavam ao longo do tempo.

Ao analisar a matéria em suas críticas ao prefeito João Mendes, outras nuances da cidade são percebidas, sobretudo quando a matéria se refere ao mandato recém assumido e uma narrativa pouco cortês com o dirigente municipal, refletindo que os ânimos das disputas

eleitorais ainda se encontravam acirrados, procurando jogar a população do bairro, que contribuiu para sua eleição, contra o prefeito, denunciando que este não cumprira as promessas realizadas a seus moradores.

A Piçarra e seus problemas, no entanto, refletiam o crescimento desordenado experimentado por toda a capital, resultado do crescimento migratório das ocupações dos espaços urbanos, mais intensos nas franjas da cidade. O jornal *O Piauí* trouxe uma matéria com o título de “Estrada da Catarina – A abandonada” onde o cronista Edson Pires descreve que,

a cidade verde possui um subúrbio imenso, onde hoje, repousam tranquilos milhares de habitantes esquecidos de um passado tortuoso [...] Esses habitantes humildes, não sendo tangidos para mais além por que os mais poderosos vão adquirindo os terrenos do município, onde o pobre; aliás, contra o código de Posturas Municipais, fez sua palhoça.²¹

O cronista denuncia uma cidade de subúrbios imensos e áreas de extrema vulnerabilidade, exposta aos desmandos das autoridades públicas. Os milhares de habitantes que formavam esses subúrbios, na construção do cronista, eram “excluídos” das atenções dos poderes públicos e não possuíam condições mínimas de moradia, obrigados a construir suas casas distantes do centro urbanizado, pelo fato de os terrenos mais urbanizados não ser acessíveis aos mais humildes, mas somente aos que tinham melhor poder aquisitivo. Aos pobres, não poderia ter outra solução a não ser a construção de suas “palhoças”.

As representações construídas pelos jornais da cidade acerca dos subúrbios eram marcadas pelo tom pejorativo e, muitas vezes, a Piçarra surgia como alvo das críticas. Exemplo do que se afirma, pode ser observado nos trechos de coluna de humor, que expressava o cotidiano e sociabilidades que ocorriam nos subúrbios da cidade que, em matéria intitulada “O pau torou na Piçarra”, o cronista descreve,

vocês já notaram que o Higinio Santana anda com um dos *enxergantes* roxo, como se tivesse tomado uma grande pancada? Salta o Carrasco e diz: - Então Raimundinho, você não soube ainda da lapada que o Higinio pegou por cima do olho?! Pois vou contar: O Higinio fazia parte de um bloco carnavalesco do clube dos Diários. O baile estava animadíssimo e quando no auge da animação, O Higinio torna o seu “jeep” e vai passar uma revista no reinado de Momo, da Piçarra. Parando por fim no “Poçinho”, lá estavam as tirolesas e muitas outras *pierrettes* [grifo do autor]. Ao entrar na festa que estava um delírio ao som de jazz e sob a ação de éter dos lança-perfumes foi surpreendido pela sua preferida que, mando a sua demora, sapecou um rodo metálico de 200 gramas por cima do seu enxergante quase lhe espatifando a cara. Ao receber a pancada, o Higinio corre, salta no *jeep* e volta para o clube. Lá chegando o olho começou a ficar roxo. Aproveitando a confusão disse haver sido uma cotovelada casual. Pobre do Higinio, anda hoje, como Chico Mamede, a contar a sua tragédia. Para uns diz que foi cotovelada, para outros que foi uma queda e assim o homem anda agora usando óculos escuros para despistar e fugir do assunto. --- Ah! --- diz o Creso Oliveira ---- Eu vi logo que aquela história do Higinio estava

furada, porque no clube dos Diários não podia ter sido. Lá estava eu, e nada vi que justificasse tamanha pancada: Finaliza o turco canal: Esta história de amor com gente da Piçarra acaba em pancada. Lá a coisa é diferente, se o cabra não andar direitinho o pau tora²².

As metáforas implícitas no título conduzem ao leitor a imagem depreciativa do bairro Piçarra, seja pela demonstração da violência urbana e dos conflitos sociais, seja pela vulgarização desses espaços.

Diante da descrição jornalística do colunista, substancia-se uma dicotomia entre dois espaços públicos, diferenciando-os e rotulando-os. De um lado um local famoso e requintado da cidade de Teresina, o Clube dos Diários, e de outro lado, uma região suburbana da cidade a ser evitada, onde Higino Santana é um protagonista da história descrita, sendo um personagem dessa trama urbana do cotidiano trivial da cidade e os espaços por ele frequentados e por aqueles que insistem em frequentar a Piçarra são implicitamente criticados.

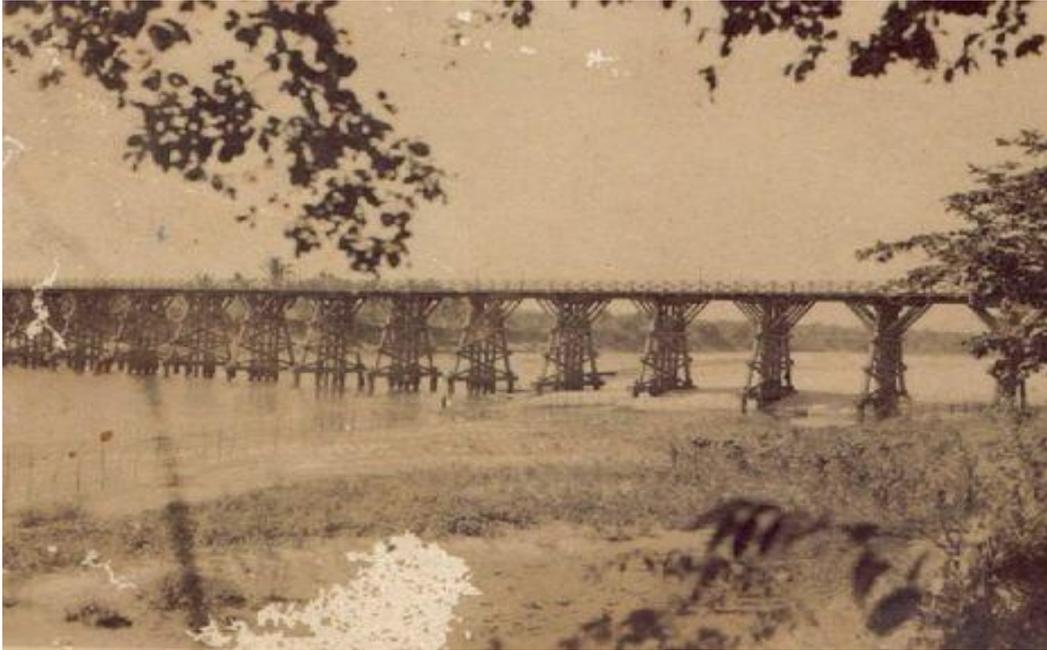
Além disso, percebemos que o próprio título anuncia uma multiplicidade de interpretações semióticas antes mesmo de o leitor acessar o texto. Nesse sentido, Mayol nos ajuda a entender melhor quando afirma que há um “limite prático na linguagem que é o jogo do duplo sentido ou trocadilho, pois estes possibilitam a enunciação de uma sentença que recebe a marca de ‘erótica’ no espaço público”²³.

Outras marcas importantes foram atribuídas à Piçarra, entre elas, de sua pujança econômica. Por sua importância comercial para a cidade, a região interferiu na cartografia espacial e econômica da cidade, tema que abordaremos na seção seguinte.

Piçarra: um bairro com vocação comercial

A cidade de Teresina, nos anos de 1930, recebeu uma obra vultosa para época: a construção de uma ponte de madeira sobre o rio Poty, o qual possibilitaria um acesso mais confortável à cidade pela zona leste da capital, passando por um de seus mais antigos bairros, a Piçarra. Em solenidade realizada no dia 15 de novembro de 1935, no Teatro 4 de Setembro, ocorreu um banquete oferecido ao interventor Leônidas de Castro Melo, que entregaria obra fundamental para interligar a capital ao interior do estado, a ponte sobre o rio Poty. Nesta solenidade, o bispo D. Severino Vieira de Melo discursa enaltecendo a obra ímpar para a época “porque mais desejada e de carência mais sentida não só pelos habitantes da capital como também pelos do interior do Estado: a ponte Sobre o rio Poty, e vê-la oferecer garbosa aos viajantes, trânsito seguro sobre seu dorso enorme robusto”²⁴.

Figura 1. Ponte de madeira sobre o Rio Poti, inaugurada em 1935 e destruída, na enchente de 1947.



Fonte: disponível em: <<https://portalpiracuruca.com/transportes-das-antigas/travessias-antigas-no-rio-poti-em-teresina/>>. Autor: Desconhecido.

A garbosa ponte construída, que oferecia, “aos viajantes, trânsito seguro sobre seu dorso enorme robusto”, também ofereceu passagem segura a milhares de migrantes que procurava acolhida em Teresina, o que provocou as ocupações de novos espaços urbanos e a formação de bairros periféricos, a exemplo do bairro Piçarra, que, desde seus primórdios, tivera no comércio uma de suas principais vocações, considerando sua proximidade com a ponte de madeira e os acessos ao norte do estado.

A própria destruição da ponte nos ajuda a entender a importância desta para a economia do estado e para as atividades comerciais na Piçarra. Em matéria reproduzida no jornal O Piauí, de 1947, sobre a destruição da ponte pela cheia daquele ano, destaca-se “além do prejuízo causado pela destruição de uma obra tão custosa são muitos sérios os entraves que a falta dessa ponte vai acarretar ao intenso comércio que vínhamos fazendo com o Ceará, pela estrada de rodagem”²⁵.

Desse modo, percebe-se que a cidade de Teresina mantinha uma intensa ligação comercial com outros estados e cidades, o que favorecia o bairro Piçarra por sua localização geográfica próxima à ponte, primeiro local de chegada de mercadorias e escoadouro natural das mercadorias que se dirigiam ao norte do estado.

Apesar da destruição da ponte, em 1947, a Piçarra não perdeu seu dinamismo comercial, uma vez que a travessia do rio Poti permaneceu em suas proximidades, desta vez realizada por pontões, responsáveis pela travessia de pessoas e mercadorias entre as duas margens do rio.

Frente ao dinamismo comercial alcançado pela região, neste mesmo período “a prefeitura, na administração de Dr. José de Ribamar de Castro Lima, desativou um antigo cemitério que ficava na margem esquerda da estrada velha de São Raimundo e construiu o primeiro mercado da Piçarra nos anos de 1948 e 1950”²⁶. Esta iniciativa fortaleceu as trocas comerciais no bairro e estimulou o surgimento espontâneo de novas iniciativas comerciais, representando o mercado ponto fundamental do novo rearranjo.

Sobre esse momento, o senhor Francisco Feitosa da Silva²⁷, filho de um tradicional comerciante da região relata:

O bairro piçarra cresceu muito, aqui tenho vários comerciantes ilustres se não me falha a memória, o seu Valdemar Carpuche tinha o seu Nonato, que tinha toda a mercadoria que você poderia procurar tudo. Que ele tinha para vender até jumento. Se perguntasse, ele dizia que não tinha, mas à tarde dava um jeito de arrumar.²⁸

A multiplicação de negócios de pequeno porte e das práticas de compra e venda em casas e locais públicos possibilitou uma transformação acelerada do bairro em torno do mercado. Como destacado por Carvalho,

foi nas áreas que circundam a Av. São Raimundo que o poder Público as suas ações, visto que nelas já se destacavam pequenos comerciantes no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, como os imigrantes Cristino Farias, Chico Moreno e Domingos e os feirantes Santiago, Dona Maria, Deus Conceição e Dominguinhos. O primeiro bar foi o do seu Antônio Floresta, as barbearias começaram com a do Senhor Raimundinho e a Primeira loja de tecidos foi do Filomeno²⁹.

É nessa atmosfera dinâmica, provocada pelo comércio que o mercado se constituiu um polo irradiador de oportunidades e interesses da cidade, pois devemos lembrar que rotineiramente as pessoas procuram o mercado do bairro ou da cidade, espaço onde se abrem as possibilidades de adquirir bens tangíveis (produtos e serviços) e intangíveis (notícias, lazer, fofocas, amores, etc), que dificilmente seriam acessados em uma loja convencional. Como observa Mayol, “os mercados são lugares onde o ambiente social é muito pouco controlável por causa da extrema complexidade das relações aleatórias que aí se mesclam”³⁰.

É esse espaço de movimentação e fluxo de pessoas com o intuito inicial de negociar produtos que se fixa como lugar da “coletividade do bairro”, estes lugares ficam à disposição

dos seus usuários na medida em que se “encontram necessariamente para atender as suas necessidades cotidianas”.

Nessa perspectiva, retomamos as ideias de Certeau, quando este distingue nas práticas cotidianas as “táticas”, entendidas como ações do fraco sobre o forte e as maneiras de fazer para sobressair-se às estratégias postuladas como relações de forças para regular ou disciplinar os indivíduos em normas³¹. Dessa maneira, articulando estas ideias à realidade dos pequenos vendedores e ambulantes do bairro Piçarra, estes sobreviviam sem recursos suficientes para movimentar seus negócios, sobretudo, numa inconstância financeira própria da informalidade.

Notamos que muitos usavam das “táticas” para contornar as situações que surgiam à sua frente e os obstáculos provocados pelos mecanismos das “estratégias”, nesse caso representados pelas instituições públicas que regulamentavam as atividades comerciais da cidade.

O comércio na Piçarra representou, para muitos dos migrantes que chegavam a Teresina, uma importante e essencial tática de sobrevivência que resultou em grande sucesso de negócio, condição observada no relato do senhor Francisco Feitosa da Silva, que destacou em sua entrevista:

O comerciante tinha que ter um dom, naquela época, era até uma questão de emprego, você não tinha emprego, você botava um negócio, você iria vender um picolé, um pirulito e vender coisas nas ruas, e você ia projetando de momento você do picolé passava para vender um saco de farinha ou de milho... Logo você estava com um armazém. Ah! (...) meu pai era comerciante, mas quando ele veio pra cá pro bairro ele não tinha emprego, aí ele começou comprar e vender com aquele capital de giro; e ele vendia cereais; farinha e porco, galinha vendia de tudo um pouco, aí ele fazia a feira na cidade de Altos, Campo Maior, Demerval Lobão, antigamente era Morrinhos. Comprava toda a mercadoria desses lugares e vinha pra Teresina e fornecia todos estes produtos por exemplo, porcos, galinha. Fornecia para os magarefes do mercado da Piçarra, aqui na região de União ele trazia a banha de porco pra vender aqui no bairro Piçarra e desse jeito tornou-se comerciante³².

O crescimento do bairro estava essencialmente ligado ao dinamismo do comércio e nas suas redes de relações comerciais com outros bairros da cidade e localidades adjacentes, como relatado por Francisco Feitosa. Nesse aspecto, nas décadas de 1950 e 1960, os comércios da Piçarra já possuíam grande notoriedade na cidade, expressando sua importância para Teresina e para o estado.

Alguns estabelecimentos comerciais mais estruturados passaram a ser uma constante nos anúncios publicitários dos jornais da época, a exemplo da “Casa Jangada”, de “J.C

Jardim” e o “Armazém do povo” de “venda de cereais a retalho, arame farpado, querosene Shell e cimento”³³.

Logo, percebe-se, como visto nos jornais do período e depoimentos coletados, a vocação comercial da Piçarra permanece na memória coletiva da cidade, resultado da iniciativa de muitos de seus primeiros moradores, dos quais muitos eram migrantes que encontraram no comércio sua “tática do fraco”³⁴, para sobreviver na nova terra.

A sua vocação comercial fruto de sua posição geográfica e da necessidade, resultou também na forte presença de bares e prostíbulo que recebiam intensas críticas nos periódicos da cidade, tema que discutiremos na seção seguinte.

Morro do Querosene: “um problema social”?

Os prostíbulos dos subúrbios da cidade de Teresina eram veiculados com frequência nos jornais que circulavam no início da década de 1960, criticados, sobretudo, por sua proximidade às casas de famílias e de moças tidas como de boa conduta. Alguns desses prostíbulos ficavam próximos à Avenida Miguel Rosa e nas proximidades da Rua Odilon Araújo, no bairro Piçarra. Na época, a Avenida Miguel Rosa despontava como uma das principais artérias de circulação da cidade, fundamental no desenvolvimento da zona sul de Teresina.

Entre as críticas a existências de prostíbulos na cidade, destacamos a crítica do colunista José Walter que, em matéria intitulado “Meretrício”, veiculada no jornal *O Dia*, asseverou:

Quem escreve para jornal, e se preocupa com os problemas da comunidade, de certo a de encontrar um caso que lhe interessa a ponto de estar de quanto em vez focalizando-o. Quando a mim trata-se de algo que acho justo os meus apelos, justas as minhas críticas: É sobre o problema do meretrício. Sou contra o meretrício, não somente pelo mal corrosivo que hoje ele é, mas pelo mal que será amanhã, depois e por todo o tempo, se não o combatemos. Não sou contra as mulheres livres como seres humanos, mas pela má vida que elas são forçadas a levar, quer por sacrifício, quer ou vadiagem. Desejo que esse meu ponto de vista domine por todo o assunto em foco. Sou contra o meretrício, não somente pelo que ele tem sido, mas, se não o combatemos, pelo que ele será nos decênios por virem. Não admito que tal calamidade prevaleça, enquanto o homem atingir o máximo de progresso em todos os setores da vida. Deve ser sempre motivo de cogitação o estudo de meios que venham determinar a extinção mesmo aos poucos, do que a de obsoleto no mundo. O meretrício se caracteriza com o que há de pior. O que se puder contra esse mal é em prol das gerações futuras, social e moralmente falando. Entre a infância abandonada ou pobre, de hoje, e a juventude chamada transviada, não é pequeno o número de donzelas que mais tarde serão encontradas em antros de perdição. É motivo de apreensão, pois. E é o que mais me revolta. Sendo a miséria e a ignorância, fatores principais desse mal terrível, tem que ser combatidas de toda a forma. O meretrício começa da concessão ou mal, da complacência para com pecado, do fascínio pela aventura e sempre vai encontrar seu ambiente nos bordéis; termina aí porque a jovem uma vez repelida pela família e com a indiferença mais

do que criminosa do autor e envergonhada das amigas, prefere enfrentar, em um gesto quase vingativo, o mundo estranho da perdição. Experiência que ao passar dos anos será uma dura e cruel lição, da qual arrependimento é enorme, senão já estiver com a alma completamente dedicada ao vício e ao pecado. Dois caminhos cruéis que exigem, o primeiro, nossa complacência, o segundo nosso senso de justiça. Não seria o meio de evitar isso a inexistência de bordéis? Nenhuma daquelas faz que crianças, moças, que geralmente passam ao longo da Avenida Miguel Rosa, parecem pelo menos exprimirem cansaço; não. Nenhuma daquelas mulheres parece estar arrependida do que fizeram ou do que farão. Esse artigo é uma reclamação que fazemos contra a existência de bordéis na Avenida Miguel Rosa, particularmente no trecho compreendido entre o grupo Domingos Jorge Velho e o outro já próximo da Odilon Araújo. Não é uma perseguição nossa para a mulher de má vida a quem só falta apoio, face ao seu arrependimento uma oportunidade para se recuperar, já fizemos artigo manifestando solidariedade³⁵.

As críticas acima revelam um ponto de vista do colunista em relação às atividades nos prostíbulos e as suas consequências para os bons costumes e moral religiosa, referindo-se ao ato da prostituição como um pecado de pessoas que se submetem a atos inescrupulosos da vida mundana.

As críticas partem de um lugar social ocupado por uma minoria de privilegiados, que tinham nos jornais porta-vozes de suas ideias e que espelhavam um pensamento de não ameaça a esses grupos e seu patrimônio, escudados em discursos de defesa de boas práticas e da moral.

As principais regiões de boemia e prostituição que marcaram imaginário dos teresinenses nas décadas de 1940 e 1960 localizavam-se ao longo da rua Paissandu, centro da capital e o *Morro do Querosene*, na Piçarra. Mesmo reconhecido que existiam diversas outras casas de festas e prostíbulos espalhados pela cidade, estes dois locais tornaram-se emblemáticos como as duas maiores zonas boêmias e de prostituição de todos os tempos em Teresina³⁶.

Na época, estes locais passaram a ser conhecidos como “zonas” que, segundo Sá Filho, significava “espaço ligado a boemia, a prostituição e a outras práticas ilícitas, quando no Brasil do final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, as prostitutas eram obrigadas a se registrarem na polícia, ainda que seu comportamento não estivesse legalmente prescrito como crime”³⁷. O autor ainda destaca que, mesmo dentro das “zonas”, havia classificações como “baixo meretrício”, referindo-se a casas frequentadas por clientes de baixo poder aquisitivo ou de camadas sociais mais pobres da cidade, quase na sua maioria advinda de locais suburbanos, como o caso dos prostíbulos encontrados na Piçarra. Já os cabarés mais requintados, frequentados pelos homens ricos da cidade, localizavam-se na

região da Paissandu, não incomodavam e eram tomados como espaços propícios para a elite demonstrar seu poder e prestígio, sempre à procura de mulheres mais belas e atraentes.

À época do centenário de Teresina, em 1952, o poeta Himdemburgo Dobal Teixeira, mais conhecido como H. Dobal, publicou seu *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*, em que destaca a presença dos prostíbulos na cidade afirmando que, “os cabarés ou pensões de mulheres, têm menos o aspecto de bordéis, no mau sentido, do que de *night-clubs* ou *dancings* ficam localizados em zonas determinadas e são mesmo chamados a “zona”³⁸.

O “baixo meretrício”, por sua vez, situava-se em alguns locais da Paissandu e em outros lugares insalubres espalhados pela cidade, frequentados por clientes de menor renda que, na maioria das vezes, dirigiam-se a região do *Morro do Querosene*, “zona” de boemia e de prostíbulos da Piçarra, a exemplo da famosa Casa Amarela, na qual H. Dobal faz referência no seu livro *Roteiro Sentimental* (1952). Além deste, inventaria José Ribamar Nunes³⁹, a existência dos prostíbulos a Ideal, o Poço, a Maroca, o Cabaré da Romana, a Mariazinha, a Boate Azul, a Sete Portas, dentre outros, nas proximidades da Avenida Miguel Rosa.

O jornal O Dia, em uma de suas matérias intitulada “Morro do Querosene-um problema social”, traz um trecho de uma entrevista de um delegado da polícia civil discutindo a questão dos prostíbulos na região:

“Trata-se exatamente de um problema social, este do Morro do Querosene. A polícia não tem onde colocar essas meretrizes. diariamente estamos fechando aqueles cabarés às 23... 24 horas, no máximo. se o Serviço Social do Estado, ou mesmo outras autoridades a quem o caso possa porventura competir, localizarem um ambiente para essas mulheres, a Delegacia de Economia Popular e Costumes, e creio mesmo que todas as delegacias, com o apoio da secretaria de segurança, dariam a sua ajuda, contribuindo para que o histórico Morro do Querosene venha a transformar-se no ambiente social”, foi o que disse o delegado Sergisnando Alencar ao ser interpelado pela reportagem.⁴⁰

O *Morro do Querosene* constituiu-se em uma rede de prostíbulos bastante conhecida em Teresina, entre as décadas de 1950 e 1970. Nesse aspecto, a matéria acima discute a viabilidade de esse local voltar a ser um “ambiente social”, tratando esse lugar como problema ser resolvido pelas autoridades públicas e sanitárias, no quesito de higienização dos espaços, sugerindo a necessidade de procura por outro lugar da cidade para transferir esses prostíbulos e, conseqüentemente, as meretrizes.

Relembremos, nesse ponto, um aspecto por nós já demonstrado da forte presença de migrantes na região da Piçarra e das formas encontradas para sobreviver na nova cidade, ao retomarmos o conceito de “tática” ou “arte do fraco”, discutidas por Certeau. Para este, a tática é a maneira peculiar de fazer, de usar, de criar, segundo as ocasiões, de acordo com as

oportunidades, dentro do campo do cotidiano e suas “mil maneiras de caça não autorizada”⁴¹. A “tática” seria, dessa forma, uma ação calculada no terreno que lhe foi imposto, com regras que lhe são estranhas e que, desta forma,

não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria (...) Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera.⁴²

Por meio de suas “táticas”, ao utilizar “as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário”, é que podemos melhor entender os prostíbulos da Piçarra como espaços de enfrentamento as “estratégias” que lhes eram impostas. Para muitos migrantes, os prostíbulos representaram sua forma de adentrar e manter-se na cidade, “operando golpe por golpe” no tecido da urbe que procurava excluí-los. Apesar de não conseguir estocar benefícios, conseguiram manter-se onde não eram esperados.

Dessa forma, entendemos que as críticas feitas aos prostíbulos, justificadas na maneira de pensar da sociedade teresinense de defesa da moral e reputação das famílias, revelavam mais de seus críticos, apoiadores e frequentadores que propriamente das mulheres que nestes encontravam meios de sobreviver numa cidade que as rejeitava.

Infelizmente, não nos foi possível, até o momento, acessar depoimentos de mulheres que trabalharam nesses espaços da cidade, pela complexidade e delicadeza do tema. Resta observar que este é, sem dúvidas, um ponto importante para melhor compreender esse capítulo da história de Teresina.

Considerações Finais

Levando em conta os aspectos analisados nesse artigo, entende-se que o bairro Piçarra foi afetado por uma reorganização espacial que a cidade de Teresina vinha sofrendo entre as décadas de 1940 a 1960, concatenada com o crescimento populacional, a expansão urbana e os rearranjos no tecido urbano.

Nesse sentido destacamos o papel dos migrantes rurais na ocupação do bairro. Através das fontes orais, observamos o tecer dos fios da memória, conduzido pelas narrativas de seus

moradores, nas quais expressam suas sensibilidades e seus ressentimentos nesses novos lugares.

Ao chegar à Teresina, muitos migrantes relatam dificuldades para arrumar trabalho, para adquirir um terreno e, conseqüentemente, a sua casa própria. No entanto, esses personagens da cidade constituíam, por suas práticas cotidianas, sentimentos de pertencimento e de identidade que se misturavam com a “memória coletiva” da cidade.

Além disso, a construção de obras públicas impactava de alguma maneira na reorganização dos espaços, como o caso da ponte Leônidas Melo, conhecida como “ponte de madeira”, construída nos anos de 1930. Essa ponte serviu durante muito tempo como porta de entrada na capital do Piauí, por conseguinte alavancou nas décadas seguintes o dinamismo comercial do bairro, tornando-se aos poucos um irradiador de oportunidades.

Enquanto isso, as representações construídas a partir de alguns jornais que tivemos acesso sobre o bairro, reproduziam uma cosmovisão de um lugar periférico. Observamos como esses discursos veiculados nos jornais contribuía para “estigmatizar” esse bairro como pobre, populoso, suburbano, além de perceber como práticas indecorosas que ocorriam diariamente no chamado *Morro do Querosene* serviam para reafirmar o discurso sobre os desvios de condutas de algumas famílias consideradas de boa índole.

Para algumas pessoas entrevistadas, este lugar funcionava também como uma rede de assistência mútua, local de acolhimento de muitos migrantes que procuravam Teresina, enquanto alguns jornais arbitrariamente o rotulavam como um problema social a ser resolvido pelas autoridades públicas.

É nesse sentido que a Piçarra, um dos bairros mais antigos de Teresina, foi se constituindo desde uma área suburbana – povoada de palhoças, casas de palhas, casebres, habitações desordenadas – à importante área comercial da cidade, contribuindo para a história não só da cidade, mas dos próprios sujeitos sociais que a constituíram.

Notas

¹ A localização do bairro compreende a partir do Balão do cruzamento das Avenidas Miguel Rosa, José dos Santos e Silva e Joaquim Ribeiro, segue pela Avenida Miguel Rosa até a Rua São Pedro, continua pela citada rua até a estrada de ferro, a partir da qual atinge a Rua Goiás, e prossegue pela mencionada rua até a Avenida Higino Cunha, alcançando a Rua Mato Grosso, continuando pela Avenida São Raimundo, atingindo a Rua José Messias, pela qual segue até a Avenida Odilon Araújo, e, por esta, continua até a Rua Picos, por onde segue até a Avenida José dos Santos e Silva. População do bairro é de 4.651 habitantes (1991). Ver: PMT, *Teresina em Bairros*. Teresina, 1994. p. 124. Em 2010 a população do representava 0,48% da cidade de Teresina e ocupava a 69^a

posição. Na última década a população reduziu 2,7%, ficando com 3.662 habitantes (2010). Disponível em: <http://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/sites/39/2018/08/PIÇARRA-2018.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2020.

² PMT - Prefeitura Municipal de Teresina. *Teresina em Bairros*. Teresina, 1994, p.124.

³ Cf.: Castelo Branco (2007, p. 322), “nós, no presente, vamos inventando os conceitos através dos quais vai se tornando possível uma interlocução comum sobre o passado”. O passado seria, em si, um “arquivo” morto lacrado no seu tempo, e “haverá sempre um déficit no que dizemos do passado relativamente ao passado efetivamente acontecido” (2007, p. 322). Cf.: Certeau (2011), os caminhos tomados pela história são múltiplos e recheados de labirintos, nos quais o olhar historiográfico parte sempre do presente, onde as fontes, sejam elas primárias ou secundárias, não consubstanciam o direito das apropriações desse fato histórico como o “dado”. Através das fontes, não é possível apropriar-se desse passado, interesses de seu tempo. Assim, para Certeau (2011, p. 65), “é nessa fronteira mutável entre o dado e o criado portanto, os arquivos também foram produzidos passivos de intencionalidades e, muitas das vezes, com e finalidade entre a natureza e a cultura, que ocorre a pesquisa”, o que ele convencionou chamar de “operação historiográfica”. Desta forma, é plausível afirmar que ninguém está imune a esta parcialidade no estudo histórico.

⁴ MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.37-38.

⁵ BOSI, Ecléia, Tempo de lembrar. In: _____. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.55.

⁶ SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p.50.

⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2003, p.29.

⁸ LIMA. Op. cit., 2005.

⁹ AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, v.14, p.125-136, 1995, p.131.

¹⁰ POLLACK, Michel, Memória e identidade social; In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, n 10, 1992, p. 203.

¹¹ Aldelcina Maria Oliveira Lopes, proveniente do interior de Barras chegou no bairro em 1958.

¹² LOPES, Aldelcina Maria Oliveira. *Entrevista concedida a Ismael Sousa de Jesus*. Teresina, 04 dez. 2005.

¹³ HALBWACHS, Op. cit., p.2003,72.

¹⁴ Acerca do extrativismo vegetal no Piauí, ver: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: APE e CH/UFPI, 1993.

¹⁵ Maria Isabel de Sousa, nascida no povoado Palmeirinha, zona rural de Teresina na década de 1950.

¹⁶ SOUSA, Maria Isabel de. *Entrevista concedida a Ismael Sousa de Jesus*. Teresina, 04 dez. 2005.

¹⁷ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.70.

¹⁸ Entendemos suburbano como uma ‘subárea’ ou um lugar afastado da cidade, onde moram as pessoas mais pobres e famílias que não têm recursos financeiros para comprar terrenos mais próximos da área central da cidade. Categorias de subúrbio e suburbanos são incorporadas pelos moradores do bairro, configurando uma geografia da cidade. Ver: VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

¹⁹ A PIÇARRA esquecida. *O Dia*, 19 jul. 1953.p.5.

²⁰ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2 ed. Algés: DIFEL, 2002, p. 24.

²¹ O PIAUÍ, 20 fev. 1947, p.3.

²² O PAU tora na Piçarra. *O Dia*, 26 fev.1956, p.3.

²³ MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.60.

²⁴ MELO, Leônidas de Castro. *Trechos do meu caminho*. COMEPI, 1976, p.286.

²⁵ O PIAUÍ, 05 abr. 1947, p. 03.

²⁶ CARVALHO. Pedro Batista. Piçarra das insígnias da fé ao bairro. *Cadernos de Teresina*. Ano XXI, n 42, jul. 2017.p.52

²⁷ SILVA, Francisco Feitosa da. *Entrevista concedida a Ismael Sousa de Jesus*. Teresina, 28 abr. 2019.

²⁸ Ibidem.

²⁹ CARVALHO. Pedro Batista. *Cadernos de Teresina*. Op. cit., p. 51.

³⁰ MAYOL, Pierre. *A Invenção do cotidiano*. Op. cit., 2013, p. 61.

³¹ CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: 1*. Op. cit., 2008, p. 46.

³² SILVA. Op. cit., 2019.

³³ O DIA. 20 fev. 1964, p. 05.

³⁴ CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano*. Op. cit.,2008.

³⁵ O DIA, 16 nov. 1961, p.03.

³⁶ SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do prazer: corpo, boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. Recife. 2017. 182 f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pernambuco.

³⁷ Idem, p.12.

³⁸ DOBAL, H. Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina (1952). In: *H. Dobal: obra completa II (prosa)*. 2 ed. Teresina: Plug,2007, p.57.

³⁹ NUNES, José de Ribamar. *Morro do Querosene*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2019.

⁴⁰ O DIA, 09 ago. 1968.p.04.

⁴¹ CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano*. Op. cit.,2008, p.38.

⁴² Ibidem. p.100-101.

Referências

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição ,veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, v.14,p.125-136,1995.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)*. Teresina: FCMC, 1995.

BOSI, Ecléia, Tempo de lembrar; In:_____.*Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3 .ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTELO BRANCO, Edwar. Fazer ver o que vemos: Michel Foucault – por uma História diagnóstica do presente. *História Unisinos*, v.11, n.03, p.321-329, set/dez.2007,p.322.

CARVALHO. Pedro Batista. Piçarra das insígnias da fé ao bairro. *Cadernos de Teresina*. Ano XXI, n ° 42,julho de 2017,p.52.

CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michael de. *A Escrita da História*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed.Algés: DIFEL, 2002.

DOBAL, H. Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina (1952). In: *H. Dobal: obra completa II (prosa)*. 2ªed. Teresina: Plug,2007.

A PIÇARRA esquecida. *O Dia*, 19 jul. 1953.p.5.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. *Nasce um bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde*.Teresina:EDUFPI,2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2003.

LIMA, Luís Sousa. *Entrevista concedida ao Ismael Sousa de Jesus*. Teresina, 04 dez.2005.

LOPES, Aldelcina Maria Oliveira. *Entrevista concedida a Ismael Sousa de Jesus*. Teresina, 04 dez. 2005.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce ;MAYOL, Pierre.A *invenção do cotidiano* :2 morar,cozinhar.6 ed.Petrópolis,RJ:Vozes,2013.

MELO, Leônidas de Castro. *Trechos do meu caminho*. COMEPI, 1976.

NUNES, José de Ribamar. *Morro do Querosene*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2019.

O PAU torra na Piçarra. *O Dia*, 26 fev.1956, p.3.

O PIAUÍ, jornal. 20 fev.1947, p. 3.

O PIAUÍ, Jornal. 05 abr.1947, p.3.

O DIA, Jornal. 20 fev.1964, p.05.

O DIA, Jornal. 09 ago. 1968.p.04.

O MERETRÍCIO, Jornal O Dia, 16 nov. 1961,p.03.

POLLACK, Michel, Memória e identidade social; In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5,nº 10.1992.

PMT. *Teresina em Bairros*. Teresina, 1994.

RONILK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do prazer: corpo, boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)* .Recife.2017. 182 f. (Tese de Doutorado).Universidade Federal do Pernambuco.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

SILVA, Francisco Feitosa da. *Entrevista concedida ao Ismael Sousa de Jesus*. Teresina, 28 abr.2019.

SOUSA, Maria Isabel de. *Entrevista concedida ao Ismael Sousa de Jesus*. Teresina, 04 dez. 2005.